



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI
AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro
Quarta-feira, 14 de Outubro de 2009

[[Vídeo](#)]

Pedro o venerável

Queridos irmãos e irmãs!

A figura de Pedro o Venerável, que gostaria de apresentar na catequese de hoje, reconduz-nos à célebre abadia de Cluny, ao seu "decoro" (*decor*) e ao seu "esplendor" (*nitor*) – para usar palavras recorrentes nos textos cluniacenses – decoro e esplendor, que se admiram sobretudo na beleza da liturgia, caminho privilegiado para alcançar Deus. Mas, ainda mais do que estes aspectos a personalidade de Pedro recorda a santidade dos grandes abades cluniacenses: em Cluny "todos os abades foram santos", afirmava em 1080 o Papa Gregório VII. Entre eles encontra-se Pedro o Venerável, o qual reúne em si um pouco todas as virtudes dos seus predecessores, mesmo se já com ele Cluny, em relação às novas ordens como a de *Cîteaux*, começou a sentir alguns sintomas de crise. Pedro é um exemplo admirável de asceta rigoroso consigo mesmo e compreensivo com os outros. Nascido por volta de 1094 na região francesa de Alvernia, entrou ainda criança no mosteiro de Sauxillanges, onde se tornou monge professo e depois prior. Em 1122 foi eleito Abade de Cluny, e permaneceu nesse cargo até à morte, que se verificou no dia de Natal de 1156, como ele tinha desejado. "Amante da paz – escreve o seu biógrafo Rodolfo – obteve a paz na glória de Deus no dia da paz" (*Vida* i, 17; *pl* 189, 28).

Todos os que o conheceram exaltaram a sua mansidão distinta, o equilíbrio sereno, o domínio de si, a rectidão, a lealdade, a lucidez e a sua especial tendência a servir de medianeiro. "Faz parte da minha natureza – escrevia – ser bastante propenso para a indulgência; para isto me estimula o

meu hábito de perdoar. Estou acostumado a suportar e a perdoar" (*Ep.* 192, em *The Letters of Peter the Venerable*, Harvard University Press, 1967, p. 446). Dizia ainda: "Com quantos odeiam a paz gostaríamos, possivelmente, de ser sempre pacíficos" (*Ep.* 100, *l.c.*, p. 261). E escrevia de si: "Não faço parte de quantos não estão satisfeitos com o seu destino... cujo espírito está sempre ansioso ou duvidoso, e que se lamentam porque todos os outros repousam e eles são os únicos que trabalham" (*Ep.* 182, p. 425). De índole sensível e afectuosa, sabia conjugar o amor ao Senhor com a ternura para com os familiares, particularmente para com a mãe e os amigos. Foi um cultor da amizade, de modo especial em relação aos seus monges, que habitualmente se confidenciavam com ele, certos de serem acolhidos e compreendidos. Segundo o testemunho do biógrafo, "não desprezava nem rejeitava ninguém" (*Vida*, i, 3 *PL*, 189, 19); era amável para com todos; na sua bondade inata era aberto a todos" (*Ibid.*, 1, 1: *PL*, 189, 17).

Poderíamos dizer que este santo Abade constitui um exemplo também para os monges e os cristãos deste nosso tempo, marcado por um ritmo de vida frenético, onde não são raros os episódios de intolerância e de incomunicabilidade, as divisões e os conflitos. O seu testemunho convida-nos a saber unir o amor a Deus com o amor ao próximo, e a não nos cansarmos de estabelecer relacionamentos de fraternidade e de reconciliação. De facto, assim agia Pedro o Venerável, que guiou o mosteiro de Cluny em anos não muito tranquilos por vários motivos externos e internos na Abadia, conseguindo ser ao mesmo tempo severo e dotado de profunda humanidade. Costumava dizer: "Pode-se obter mais de um homem tolerando-o, do que irritando-o com queixas" (*Ep.* 172, *l.c.*, p. 409). Devido ao seu cargo, teve que enfrentar frequentes viagens à Itália, à Inglaterra, à Alemanha, à Espanha. O abandono forçado da tranquilidade contemplativa pesava-lhe. Confessava: "Vou de um lugar para outro, angustio-me, preocupo-me, atormento-me, arrastado para aqui e para além; a minha mente está absorvida ora com os meus afazeres, ora com os dos outros, não sem grande agitação do meu ânimo" (*Ep.* 91, *l.c.*, p. 233). Mesmo tendo que se industriar entre poderes e senhorios que circundavam Cluny, conseguiu contudo, graças ao seu sentido da medida, à sua magnanimidade e ao seu realismo, conservar uma tranquilidade habitual. Uma das personalidades com as quais entrou em contacto foi Bernardo de Claraval com o qual manteve uma relação de crescente amizade, mesmo na diversidade do temperamento e das perspectivas. Bernardo definia-o: "Homem importante, ocupado com afazeres importantes" e tinha dele grande consideração (*Ep.* 147, ed. *Scriptorium Claravallense*, Milão 1986, vi/1, pp. 658-660), enquanto que Pedro o Venerável definia Bernardo "lanterna da Igreja" (*Ep.* 164, p. 396), "coluna forte e maravilhosa da ordem monástica e de toda a Igreja" (*Ep.* 175, p.418).

Com profundo sentido eclesial, Pedro o Venerável afirmava que as vicissitudes do povo cristão devem ser sentidas no "íntimo do coração" por quantos se incluem "entre os membros do corpo de Cristo" (*Ep.* 164, *l.c.*, p. 397). E acrescentava: "Não se alimenta do espírito de Cristo quem não sente as feridas do corpo de Cristo", onde quer que elas se produzam (*ibid.*). Além disso, mostrava cuidado e solicitude também por quem estava fora da Igreja, sobretudo pelos judeus e pelos muçulmanos: para favorecer o conhecimento destes últimos providenciou a tradução do Alcorão. A este propósito observa um historiador recente: "No meio da intransigência dos homens

da Idade Média – também dos maiores deles nós admiramos – aqui um exemplo sublime da delicadeza à qual leva a caridade cristã" (J. Leclercq, *Pietro il Venerabile*, Jaca Book, 1991, p. 189). Outros aspectos da vida cristã pelos quais se preocupava eram o amor à Eucaristia e a devoção à Virgem Maria. Sobre o Santíssimo Sacramento deixou-nos páginas que constituem "uma das obras-primas da literatura eucarística de todos os tempos" (*ibid.*, p. 267), e sobre a Mãe de Deus escreveu reflexões iluminadoras, contemplando-a sempre em estreita relação com Jesus Redentor e com a sua obra de salvação. É suficiente citar esta sua inspirada elevação: "Salve, Virgem bendita, que afastaste a maldição. Salve, mãe do Altíssimo, esposa do Cordeiro terníssimo. Tu venceste a serpente, esmagaste-lhe a cabeça, quando Deus por ti gerado a aniquilou... Estrela resplandecente do Oriente, que pões em fuga as sombras do Ocidente. Aurora que precede o sol, dia que ignora a noite... Reza ao Deus que nasceu de ti, para que nos liberte dos nossos pecados e, depois do perdão, nos conceda a graça e a glória" (*Carmina*, pl 189, 1018-1019).

Pedro o Venerável sentia predileção pela actividade literária para a qual tinha talento. Anotava as suas reflexões, persuadido da importância de usar a caneta quase como um arado para "espalhar no papel a semente do Verbo" (*Ep.* 20, p. 38). Mesmo se não foi um teólogo sistemático, foi um grande investigador do mistério de Deus. A sua teologia afunda as raízes na oração, sobretudo na litúrgica e entre os mistérios de Cristo, preferia o da Transfiguração, no qual já se prefigura a Ressurreição. Foi precisamente ele quem introduziu em Cluny esta festa, compondo para ela um ofício especial, no qual se reflecte a característica piedade de Pedro e da Ordem cluniacense, toda propensa para a contemplação do rosto glorioso (*gloriosa facies*) de Cristo, encontrando nele as razões daquela alegria fervorosa que distinguia o seu espírito e se irradiava na liturgia do mosteiro.

Queridos irmãos e irmãs, este santo monge é certamente um grande exemplo de santidade monástica, alimentada nas nascentes da tradição beneditina. Para ele o ideal do monge consiste em "aderir tenazmente a Cristo" (*Ep.* 53, *I.c.*, p. 161), numa vida claustral que si distinguiu pela "humildade monástica" (*ibid.*) e pela laboriosidade (*Ep.* 77, *I.c.*, p. 211), assim como por um clima de silenciosa contemplação e de constante louvor a Deus. A primeira e mais importante ocupação do monge, segundo Pedro de Cluny, é a celebração solene do ofício divino – "obra celeste e a mais útil de todas" (*Statuta*, I, 1026) – que deve ser acompanhada com a leitura, a meditação, a oração pessoal e a penitência observada com discrição (cf. *Ep.* 20, *I.c.*, p. 40). Deste modo toda a vida está imbuída de amor profundo a Deus e de amor ao próximo, um amor que se expressa na abertura sincera aos outros, no perdão e na busca da paz. Poderíamos dizer, para concluir, que se este estilo de vida unido ao trabalho quotidiano, constitui, para São Bento, o ideal do monge, ele diz respeito também a todos nós, pode ser, em grande medida, o estilo de vida do cristão que deseja tornar-se autêntico discípulo de Cristo, caracterizado precisamente pela adesão tenaz a Ele, pela humildade, pela laboriosidade e pela capacidade de perdão e de paz.

Dirijo uma saudação particular de boas-vindas aos peregrinos de língua portuguesa, com votos de que a presença na cidade dos Apóstolos Pedro e Paulo fortaleça a vossa adesão a Jesus Cristo e o desejo de servi-lo através do amor ao próximo, do perdão e da busca pela paz. O Pai do Céu derrame os seus dons sobre vós e vossas famílias, que de coração abençoe.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana